

ROSIANE APARECIDA SCHADECK

**DA “ESCOLINHA-VELHA” À EDUCAÇÃO DO CAMPO: REFLEXÕES
NECESSÁRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca do Curso de Especialização em
Educação do Campo da Universidade Federal
do Paraná. Como requisito parcial para
obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: Cecília Maria Ghedini.

MATINHOS

2011

DA “ESCOLINHA-VELHA” À EDUCAÇÃO DO CAMPO: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

Rosiane Aparecida Schadeck¹

Cecília Maria Ghedini²

RESUMO

O artigo apresenta um relato pessoal, pois aprendemos nessa especialização e no ProJovem que é necessário e importante trabalhar a história de vida de cada um. Assim, nessa experiência particular, relatamos o processo de realidade de quando fomos alfabetizados tradicionalmente no campo, ou seja, na “escolinha-velha”, pois fomos à escola na época em que havia muitas Escolas Rurais Multisseriadas e a professora era nossa mãe. Procuramos perceber as contradições existentes entre aquele período e este, quando meu irmão mais novo, foi a Escola, após a Nucleação, tendo em conta que, nem todas as Escolas em Goioxim foram nuclearizadas. Propomos então, uma reflexão entre a evolução do ensino rural ou do campo e o da cidade, o qual, hoje é voltado para realidade urbana, sendo, muitas vezes, excludente, em relação ao trabalho que se desenvolve nas escolas do campo. Entendemos que a Educação do Campo proporcionou a abertura ao diálogo, reflexões e novas conquistas para a população rural com o intuito de que as políticas e as transformações ocorridas sejam uma oportunidade para os educandos de permanecerem no meio rural. Estas escolas devem desenvolver uma pedagogia que vincula educação e sociedade, cujo objetivo é também construir uma dimensão de desenvolvimento do campo, em consonância com a política nacional de educação que em suas diretrizes gerais garante-se o direito à educação dos camponeses no lugar onde vivem.

Palavras-chave: Escolas Multisseriadas. Nucleação. Educação do Campo.

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Goioxim - PR, e-mail: rosianeapk@hotmail.com.

² Pedagoga; Mestre em Educação; Professora Assistente da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão – PR, e-mail: ghedini61@yahoo.com.br.

1 CONTEXTO

A experiência a ser relatada ocorreu em Goioxim, município na Região Central do Estado do Paraná, com uma população estimada em 8.437 habitantes (dados de 2004). Seu nome é originário de dois vocábulos indígenas que significa “rio pequeno”, ou seja, da língua caingangue *goio*: rio; e *xin*: pequeno. Tem clima subtropical e sua temperatura média é de 19° C³.

Conforme Ravelo (2010), Goioxim possui características essencialmente agrícolas, existindo onze assentamentos da reforma agrária, nos quais, em torno de 1.600 famílias sobrevivem da agricultura familiar que se destaca na produção de milho, feijão, leite e derivados, com vinte e seis associações de agricultores. Possui grandes áreas de reflorestamento (pinus e eucalipto), mas, também, grandes áreas improdutivas. Registra-se, ainda, nesse município paranaense, um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Entre 2006-2008, Goioxim participou do Programa Piloto “Saberes da Terra” um projeto coordenado pela Cantuquiriguaçu, com uma turma, trabalho que trouxe a este grupo de pessoas novas idéias e objetivos a serem conquistados para a melhoria da qualidade de vida das pessoas que ainda permanecem no campo.

Essa experiência tem também como objetivo relatar a história de vida de uma professora do campo e também refletir sobre a Educação Multisseriada e a Nuclearização, no que diz respeito às dificuldades que apresentam. Utilizamos no relato pesquisa bibliográfica de forma a complementar e enriquecer o conteúdo ora apresentado. “[...]. É importante ressaltar que (as consultas bibliográficas) formam um núcleo documental importante, mas é preciso tomar algumas precauções quanto ao momento histórico produzido, [...]” (PIRES, 2002, p. 2).

A memória individual vai depender sempre do social. O social entendido pelas relações com “a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com

³ <http://www.ferias.tur.br/informacoes/6109/goioxim-pr.html>. Acessado em: 05 mai. 2011.

a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p.54 apud PAIM; DETONI, 2009, p. 129).

As contradições aqui discutidas foram percebidas numa realidade vivida e, dessa maneira nos sentimos incentivados a escrever e divulgar buscando construir e/ou potencializar novas formas de participação dos educadores e educandos na atualidade, principalmente, no que se refere aos jovens, pois há esperança de mantê-los em suas comunidades, produzindo e reproduzindo novos conceitos e superando os desafios apresentados.

Os fatos e a história mostram claramente que, apesar de todas as mudanças ocorridas e das oportunidades perdidas, ainda se faz necessário no país, como condição para a eliminação da pobreza e de suporte essencial a um processo de redistribuição dinâmica da renda, um projeto de desenvolvimento rural apoiado na produção familiar (BUAINAIN; ROMEIRO; GUANZIROLI, 2003, p. 318).

Ravanelo (2010) destaca que, ao tentar a permanência no campo com qualidade de vida, se possa conciliar o trabalho com a escola e, neste sentido cabe destacar que um dos desafios enfrentados no Município de Goioxim é o abandono dos estudos ou a evasão escolar, principalmente, dos jovens.

As pessoas precisam de oportunidades de educação com qualidade, num currículo que problematize e não negligencie sua realidade e o seu trabalho, há necessidade de educadores preparados para a realidade que se apresenta (BRAGANÇA, 2010).

A Lei de Diretrizes e Bases Nacional, de 1996, estabelece que ao ofertar a educação básica para a população rural, os sistemas promovam as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região (SENADO FEDERAL, Brasília, dezembro/1996).

Neste sentido, tem-se falado de vários autores, Bragança (2010) defende a proposta pedagógica freireana, pois consiste em trazer “elementos provocadores e

desafiadores reafirmando a educação do campo” possibilitando o desencadear de um processo de construção do conhecimento, respeitando as peculiaridades e o compromisso da transformação social. E, nas palavras de Freire (2000, p. 52), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção”.

A Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 394/96) estabelece em relação à educação das pessoas que vivem na área rural:

Artigo 28: Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (SENADO FEDERAL, Brasília, dezembro/1996).

As crianças, no campo têm melhor segurança em relação à cidade, maior espaço para brincar, correr, andar de bicicleta, cavalgar, pescar, comer frutas debaixo do pé... Assim, verifica-se no exposto, que o processo formativo deve ser incentivado através de experiências e ações coletivas, no lugar onde vivem.

Contudo, existem contradições entre o que aborda a LDB em seu Art. 28, que se refere exclusivamente à educação escolar, sem levar em conta a educação fora da escola, como, por exemplo, a educação que acontece nos contextos camponeses (BRAGANÇA, 2010), por exemplo, o lanche que levávamos, do qual não tínhamos vergonha: batata-doce, broa-de-milho, mandioca-frita, doce-de-abóbora, amendoim-torrado no forno do fogão à lenha, peixe frito, entre outros quitutes caseiros. Esses, não podem sequer ser comparados aos lanches industrializados, as famosas lancheiras ou, as cantinas de hoje. Algumas conquistas da atualidade no plano da economia capitalista podem nos revelar uma triste realidade sobre a duvidosa qualidade a que se sujeitam educadores e educandos em relação à merenda escolar industrializada.

Seria possível comentar ainda, sobre a discriminação a que se sujeitam as crianças do campo, na escola da cidade. Pode-se destacar, por exemplo, o vestuário dos educandos, pois, muitas vezes, vão de pés descalços para a escola, pois são todos da mesma condição de vida. Se tiverem que se deslocar para a cidade, sentem necessidade de se vestir de acordo ou parecido com os demais, o que pode colaborar para a exclusão, porque, uma família que mora na roça, possui renda ao vender, por exemplo, seus cultivos agrícolas, uma vez por ano e, não possuem condição financeira, para comprar roupas ou calçados que os façam se sentirem iguais aos demais educandos da cidade. à cada mês ou à cada momento que muda a moda.

Esta situação foi vivida pela nossa família, fato é que, quando meu irmão mais novo chamado Romilso Gabriel Schadeck e demais crianças do município precisaram ou, os que ainda precisam ir para a escola do centro, necessitaram de roupas, calçados melhores e, mesmo assim foram discriminados, por que quase sempre estão com tênis sujos do barro vermelho, característico de nossa região e, debaixo das carteiras, muitas vezes, deixam suas marcas.

O que se pretende com esse relato é efetivar e afirmar que o cidadão do campo não precisa se envergonhar em ser do campo e sim, valorizar-se por isso. O ensino na escola do campo deve ajudar as pessoas do campo na forma de viver essa identidade, por que o campo não é lugar de atraso cultural, é lugar de vida. Neste sentido tem-se um compromisso em evidenciar formas de aprendizado em que se fortaleça a agricultura familiar, não deixando que desapareça subsumida pelo agronegócio.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Em 1965, a “escolinha-velha” foi construída pela Prefeitura de Municipal de Guarapuava/Paraná que mais tarde passou a pertencer à Prefeitura Municipal de Cantagalo/Paraná e, posteriormente à Prefeitura Municipal de Goioxim. A escolinha antes era localizada na comunidade de “Quebra Queixo” (interior do Goioxim), na

qual o primeiro prefeito do Município estudou suas séries iniciais, cujo primeiro nome era apenas “Escola Isolada”. Somente passou a denominação de Escola Rural Municipal Américo Vespúcio, em regime Multisseriada no ano de 1980.

Nesta escola, fomos alfabetizados, eu e meu irmão mais velho chamado Romeli Tiago Schadeck, por nossa mãe, Maria Luczynski Schadeck. A escolinha então funcionava em terreno pertencente à nossa família, a qual foi reformada várias vezes , para que as crianças do campo tivessem acesso à educação.

Em 2005, pessoas da comunidade e os Órgãos Públicos competentes solicitaram que a “nossa escolinha” fosse desmanchada para construção do Pavilhão da Comunidade, sendo que nenhum deles foi capaz de dialogar com nossa mãe, sobre a retirada da escola.

Assim, contra nossa vontade, “nossa escolinha-velha” foi ao chão. Esse momento foi muito forte e se tornou importante para rememorar as contradições presentes na sociedade, principalmente em relação ao aprendizado escolar do campo e da cidade.

A forma como esse fato ocorreu permanece presente em minha memória, pois apareceram com policiais em nossa casa dizendo que tinham ordem pública para derrubar a “escola-velha” e, o fizeram. Sabíamos também que, pouco sobraria da construção, por que a forma e a má vontade com que agiram ao desmanchá-la acabariam com o material, pois agiram sem o menor cuidado.

Entendemos como falta de respeito conosco e com a comunidade local, entretanto, nossa indignação maior foi até pensar que era como se tivéssemos cometido um crime em ceder por trinta anos o espaço físico para a escola, e o trabalho de nossa mãe, por vezes, voluntário, (pois,além de professora era merendeira,zeladora,cuidava da horta da escola,tudo por um salário referente a vinte horas), para que as crianças daquela localidade tivessem acesso à escolaridade.

Aquelas pessoas eram sabedoras que pouco seria aproveitado do material da escola antiga, pois a madeira era muito velha e, ainda quebraram-se as telhas e madeiras. Percebeu-se falta de vontade em trabalhar na reedificação ou

reaproveitamento por que, outras pessoas que moravam na comunidade, doaram a madeira para outra construção, o que foi recusado, pois daria muito trabalho para selecionar as madeiras restantes e construir .

Na “escolinha velha”, nossa “mãe-professora”, exerceu várias funções por trinta anos (1973 - 2003). Quando lecionava sempre procurou aproximar os assuntos didáticos com a realidade do campo, para que o aprendizado de todas as crianças ocorresse de acordo com a realidade local.

A escolinha ainda serviu, após a nuclearização, para os encontros da Pastoral da Criança, nos quais nossa mãe era quem orientava e ajudava na realização da pesagem das crianças. Fazia a “multimistura” ou a “sopa”, com reaproveitamento de talos e folhas das verduras, distribuindo e ensinando as mães, as avós das crianças a também fazerem o aproveitamento explicando o valor nutricional contido nas cascas e talos das verduras e legumes. Também ali se realizavam as reuniões da Associação de Agricultores da qual ela foi secretária por oito anos. Também nessa escola aconteceu as primeiras celebrações de Missas precedidas por padre Geovane, após as missas foram celebradas debaixo de uma árvore e posteriormente aconteceu a construção da igreja hoje denominada “ Nossa Senhora do Rosário”.

Atualmente, minha mãe, está aposentada, porém, não participa mais das reuniões, nem de qualquer outra atividade em associação, ou da comunidade ou, ainda, da Pastoral da Criança. Infelizmente, estes acontecimentos contribuíram, foram cruciais para que ela adoecesse, perdendo o encanto e o ânimo de voltar às atividades, estando depressiva e totalmente desmotivada.

Parece-nos que o objetivo daquele momento foi excluir nossa mãe da comunidade, tal como aconteceu, ela entendeu este fato como ingratidão e, adoeceu. A partir daí ela abandonou também suas variadas atividades, tais como, coordenadora de círculo bíblico, dízimo, secretaria, da copa e da liderança da Pastoral da Criança, atividades que a faziam sentir-se útil a serviço da igreja e da comunidade.

O significado destes acontecimentos e da história de vida de nossa mãe, fortaleceram meu objetivo de vida e, ao tomar conhecimento do ProJovem Campo – Saberes da Terra, uma proposta de educação que abrange a vida das pessoas e uma maneira de valorizar as pessoas do campo e, tendo a certeza de que, a escola deve sempre estar presente na comunidade, decidi participar.

Conforme Fagundes e Martini (2003), a década de 90 foi marcada pela transformação da política educacional aglutinando as formas de educação tradicional multisseriadas, também denominada unidocentes, as quais funcionavam em um mesmo espaço e ao mesmo tempo as quatro primeiras séries do ensino primário. Mediante a nova política as escolas multisseriadas foram desativadas e reunidas em um mesmo espaço, sob a forma de núcleo, no qual cada série passa a ser atendida por um professor, originando as escolas nucleadas.

É preciso considerar que a nucleação teve seu aspecto positivo no que se refere à valoração do professor e na importância das escolas terem melhorias na educação do campo, com o objetivo de assegurar ao maior número de crianças o acesso às crianças, através da escola-núcleo, propiciando a eles melhor estrutura física, específicas condições didático-pedagógicas e, também serviços de apoio no que diz respeito às pessoas que moram no meio rural.

A nucleação, por outro lado, causa o deslocamento dos alunos para estudar nas escolas do centro ou na cidade e, ao invés de trazer benefícios transforma-se em desconforto, uma vez que, as crianças são obrigadas a levantar mais cedo, andar vários quilômetros a pé e permanecer um longo tempo no interior dos ônibus até chegar à escola. Normalmente esse transtorno causa prejuízo no desenvolvimento e no desempenho escolar, pois chegam cansados e sonolentos na escola.

A escola que está presente fisicamente na comunidade tem um sentido de projeto comunitário, uma vez que onde te uma escola tem uma igreja, tem um campinho de futebol e outras atividades também de ordem econômica, vindo trazer certa valoração ao espaço e à comunidade, assim como valorização para essas

famílias que ali vivem. A escola é o local onde a comunidade se reúne, conversa, interage se diverte, caso contrário, ao retirar a escola, pode acabar uma comunidade.

Momentos de relato e leitura como este, proporcionam atitudes reflexivas e despertam novos objetivos em relação à escolarização e a permanência dos jovens no campo.

3 CONSIDERAÇÕES

As próprias relações sociais conforme Vendramini (2008), “permitem apreender em sua essência os problemas concretos relativos à vida, ao trabalho e à educação” o que nos impõem um comprometimento/engajamento com a realidade. Para tanto, o Programa ProJovem associa o direito e a transformação social do indivíduo em seu “habitat natural”, bem como a necessidade social de sua permanência no campo.

As Escolas Multisseriadas ainda estão presentes em Goioxim e em outros municípios do Paraná e, pode-se dizer que eram melhores em alguns aspectos, por exemplo, em relação à sua localização, ou seja, próxima às residências não necessitando assim de transporte escolar.

Conforme Bareiro (2007), as escolas rurais passaram por um processo de extinção que chegou aos nossos dias, alterando algumas iniciativas. Entretanto, ofereceu-se à população que continua no campo paranaense o acesso à educação de outras formas, tais como o transporte escolar para a cidade, a nucleação de antigas escolas rurais isoladas, além de iniciativas de ONGs e Movimentos Sociais. “Nesta direção, os povos sociais do campo reafirmam suas reivindicações e lutam por espaços dentro das políticas públicas, nas quais sejam apontadas diretrizes que atendam aos seus anseios e aos seus propósitos de luta” (BRAGANÇA, 2010, s/p.).

Santos (1982) destaca que a organização dos alunos, sob a forma da multisseriação, teve seu respaldo legal na LDB/96, especificamente no Art. 23.

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência, em outros critérios ou por forma diversa de organização ou, ainda, conforme o interesse do processo de aprendizagem recomendar.

No sentido de localização, educadores e educandos são moradores da mesma comunidade, vivenciando a mesma realidade, costumes e tradições, enfim, o mesmo modo de vida, no qual se torna mais fácil a compreensão e/ou a ausência de alunos em conformidade com o clima, dos problemas familiares, entre outras justificativas.

Contudo, ressaltamos que, os saberes do campo podem caminhar juntos a outros saberes. O ensino, na escola da cidade, hoje, é voltado para outra realidade. É voltado para urbanóides e, por vezes, podem vir a desvalorizar os saberes do campo. Bareiro (2007), alerta que, dessa forma, com valores sociais hostis à forma de vida rural e perspectivas de baixa renda nas atividades rurais, a migração para as cidades apresenta-se como a melhor ou quase única alternativa de conseguir melhorar sua qualidade de vida.

Segundo Bica, Silva e Hoeller (2010), na Escola do Campo predominam a compreensão da necessidade de metodologias pedagógicas específicas, uma vez que, os saberes proporcionados, principalmente, do modo de produção, podem ser adotados como ponto de partida para o planejamento pedagógico e, o papel do educador, será de articulador nesse processo de ensino-aprendizagem.

A Resolução CNE/CEB 001, de abril de 2002 definiu as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, denominação atual das escolas rurais e, conforme determinado, em seu Parágrafo Único do Art. 2º:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções

exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (Resolução CNE/CEB 1/2002, p. 1).

Considerando ainda, conforme Ravelo, “a educação no campo envolve muitos desafios importantes para romper paradigmas ou barreiras construídas ao longo dos anos devemos trabalhar: o pensamento, a mudança de hábitos e atitudes” (2010, s/p.).

Entre todas as circunstâncias que envolvem esse contexto e, mediante o relatado, julga-se necessário a discussão e debates ainda, na atualidade sobre a realidade no Goioxim.

As pressões realizadas pelos movimentos sociais principalmente, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) intensificaram as ações do Governo Federal na área do campo, com a realização de alguns projetos extintos e, outros, ainda em desenvolvimento.

Em conformidade com o Ministério da Educação (SCHMIDT; LIMA; SECHIM 2010), o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) nasceu da unificação de seis programas do Governo Federal e oferece aos jovens a oportunidade de voltar à escola ou nela permanecer, pois neles está depositado a confiança e a esperança de que há condições de permanência no meio rural com melhor qualidade de vida.

No caderno pedagógico: Cidadania, Organização Social e Políticas Públicas (2010, p. 23) os autores dizem:

Para que isto se consolide, é de extrema urgência o avanço das políticas públicas, diante dos desafios da formação e do preparo profissional da população juvenil do campo brasileiro - que guarda em si um imenso potencial de trabalho e de transformação. No processo formativo devemos incentivar experiências de ações coletivas nas quais os (as) jovens reconheçam o valor da organização, vivendo a satisfação de estarem juntos, confrontando as diferenças e descobrindo as complementaridades.

Assim, o foco deve permanecer na luta pela educação do campo e, não para instigar a politicagem ou outras formas de ludibriar as pessoas, por sujeitos que se

guiam pelo sistema capitalista, com sua ideologia própria e interesses particulares, admitindo a exploração e a dominação de tudo e de todos.

Caldart (2004) destaca que mais que o direito da população ser educada no lugar onde vive, precisa ser respeitado o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada a sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais. O processo de valorização de sua cultura incentiva os sujeitos do campo a pensar e agir por si próprios, assumindo sua condição de sujeitos.

É pertinente destacar que, apesar das dificuldades encontradas, de tudo o que perdemos neste processo, temos muito que aprender das escolinhas rurais, e há que se reconhecer que no cenário educacional brasileiro, foram se desenvolvendo políticas públicas específicas para as pessoas do campo e da cidade. Infelizmente, tais políticas, não possuem o alcance a todos os territórios de forma igualitária.

Referências

ABIKO, Alex Kenya; COELHO, Leandro de Oliveira. **Mutirão Habitacional: Procedimentos de Gestão**. Porto Alegre: ANTAC, 2006. Disponível em: <http://www.habitare.org.br/pdf/publicacoes/capitulos_rt_2.pdf>. Acessado em 15 ago. 2011.

ANÚNCIOS GOOGLE. **Home >> Goioxim >> Informações**. <<http://www.ferias.tur.br/informacoes/6109/goioxim-pr.html>> Acessado em: 05 mai. 2011.

BAREIRO, Edson. **Políticas educacionais e escolas rurais no Paraná - 1930-2005**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Orientadora a Profa. Dra. Maria das Graças de Lima. MARINGÁ, 2007. (No prelo).

BICA, Gabriela Schenato, SILVA, Cristiane Rocha; HOELLER, Silvana Cassia. **A educação do campo na compreensão de educadores do Programa de Formação de Educadores – Projovem Saberes da Terra no Paraná**. Brasília, 2010. Disponível em:

<<http://www.encontroobservatorio.unb.br/arquivos/artigos/187.pdf>>. Acessado em: 12 ago. 2010.

BRAGANÇA, Sabrina Zientarski de. **Paulo Freire: A Educação do Campo precisa de Você**. Publicado em 14/12/2010. Aspectos históricos da formação profissional na educação física brasileira. P@rtes. Janeiro de 2011. Disponível em <www.partes.com.br/educacao/educacaodocampo.asp>. Acessado em 20 ago. 2011.

BUAINAIN, Antônio Márcio; ROMEIRO, Ademar R.; GUANZIROLI, Carlos. **Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural**. DOSSIÊ - Sociologias, Porto Alegre, ano 5, nº 10, jul/dez 2003, p. 312-347.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Resolução CNE/CEB 1/2002**. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 32. Disponível em: <<http://www.red-ler.org/directrizes-educacao-campo.pdf>>. Acessado em 05 mai. 2011.

FAGUNDES, José; MARTINI, Adair Cesar. **Políticas educacionais: da escola multisseriada à escola nucleada**. Olhar de Professor, ano/vol. 6, número 001. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003; PP. 99-118. Disponível em:

< <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/684/68460108.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2011.

FREITAS, Soraia Napoleão; CASTRO, Sabrina Fernandes de. **Representação social e educação especial: a representação dos professores de alunos com necessidades educativas especiais incluídos na classe comum do ensino regular**. 29 de Janeiro de 2004. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=74:representacao-social-e-educacao-especial-a-representacao-dos-professores-de-alunos-com-necessidades-educativas-especiais-incluidos-na-classe-comum-do-ensino-regular&catid=6:educacao-inclusiva&Itemid=17>. Acessado em 14 jun. 2011.

PAIM, Elison Antonio; DETONI, André. Memórias do fazer-se professor (a) em escolas Multisseriadas no oeste de Santa Catarina: município de Xaxim. Revista Linhas – **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**. Florianópolis, v. 10, n. 01, p. 128 – 147, jan. / jun. 2009.

PIRES, Ariel José. **Ações e contradições no MST e os meios de comunicação social**. Unicentro/Guarapuava. Parte constante, com modificações, de Tese de Doutorado defendida na UNESP/Assis em 2002.

PLURES – HUMANIDADES: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação** - Mestrado, nº 12 – jul./dez. 2009. Ribeirão Preto, SP: Centro Universitário Moura Lacerda. Departamento de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação

RAVANELO, Marcia Aparecida. PORTIFÓLIO – ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO. Universidade Federal do Paraná. Bahia, 2010.

SCHMIDT, Armênio Bello; LIMA, Sara de Oliveira Silva; SECHIM, Wanessa Zavarese. (Coords.). **Desenvolvimento sustentável e solidário com enfoque territorial: caderno pedagógico educandas e educandos/5. Cidadania, Organização Social e Políticas Públicas/3. Sistemas de Produção e Processos de Trabalho no Campo/2.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

SILVA, Cristiane Rocha; HOELLER, Silvana Cassia. **Concepções de aprendizagem e desenvolvimento da educação do campo.** In: PAGLIA, Edmilson Cezar, et al. Práticas pedagógicas em educação do campo. Matinhos: UFPR Litoral, 2009. Disponível em:
<<http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/down/educacaodocampo.pdf>>.

VON ONÇAY, Solange Toledo. **Estudo das Diretrizes Operacionais da Educação do Campo.** Fev/06. Disponível em:

<<http://www.famper.com.br/2010/arquivos/mundo-contemporaneo/solange.pdf>>.
Acesso 26 set. 2011.